

Balances bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira

Luiz Henrique de Toledo¹ 

Preâmbulo

em ciências sociais, de tempos em tempos, publicam-se textos cujo propósito é apresentar paradigmas conceituais e estratégias metodológicas adensados pela constante prospecção de fenômenos empíricos. São os chamados balanços bibliográficos, textos que invocam a ideia de um cenário, ou que remetem a outra alegoria, a do pano de fundo do qual se destacam algumas “imagens” e ocultam-se outras. O *corpus* que alimenta tal empreitada decorre das pesquisas que se espriam pelos inscritesores canônicos textualizados, genericamente denominados de trabalhos acadêmicos.

Há tempos, autores como Latour e Woolgar (1997) definiram *inscritesores* como parte dos procedimentos que levam aos registros dos experimentos científicos na elaboração de enunciados, fazendo com que as inscrições (os argumentos em suas formas literárias de apresentação) apareçam como procedimentos finais de um processo racional de descoberta. Inscritesores acomodam aquilo que, de modo geral, crê-se como sendo o desvelar de porções de uma dada realidade externa, objetiva, portanto, investigativa. Mas a natureza externalizada na forma

de fenômenos já se constitui, advertem os autores, como produto dos procedimentos de máquinas inscritesoras, que objetivam tais fenômenos ou a eles conferem existência própria sob condições específicas.

Dito de outro modo, as coisas não estão simplesmente dispostas na natureza à espera da descoberta pelos cientistas, são dela extraídas nos processos de depuração realizados pelas ciências. Há um duplo movimento de invenção, tanto dos procedimentos (técnicas, máquinas, textos etc.) quanto da natureza ou “real” a ser investigado. Tais observações, feitas a partir das ciências da natureza, valem, em boa medida, para a prospecção daquilo que vulgarmente, nas humanidades e de modo geral, chamamos de “realidade social”.

Interessa a este texto especular sobre um recorte, o futebol pensado por um conjunto representativo de intelectuais brasileiros, engendrado pela bibliografia tanto como uma “realidade social”, fazendo dele um assunto sério, quanto metáfora que se estendeu aquém e além da perspectiva científica. Ambos os modos pelos quais o futebol é simbolizado amparam continuamente as abordagens a ele destinadas, implementadas por seus motivadores, incluindo aí todos nós, os *antropólogos esportistas*.

¹Universidade Federal de São Carlos – São Carlos (SP), Brasil. E-mail: kikeppgas@gmail.com
Recebido em: 22/02/2020. Aprovado em: 02/06/2020.

Dispersos e muito condicionados por esforços individuais,¹ dissertações, teses ou artigos mais avulsos estimulam as interlocuções entre pares diretos (não raramente diletos), laterais ou potenciais que, quando cotejados nesses conhecidos balanços bibliográficos, são expostos às sínteses de fatura exegética que orientam a fortuna crítica e os “estados da arte” de temas específicos, indicando o grau de maturidade e formação dos emaranhados e das frentes de expansão investigativas.

Balanços bibliográficos circunscvem ou tentam sintetizar um conjunto de textos e autores tornando-os de algum modo “aparentados”, servindo de averiguação de uma produção que se pretende reconhecida. E a despeito da aleatoriedade na escolha de objetos aqui e acolá, intenta-se fortalecer o surgimento de temáticas, áreas e subáreas inteiras de pesquisa no esforço de direcionar, divisar e visibilizar essas investigações potencialmente correlatas.

Pari passu segue a lógica da oferta de descritores institucionais que passam a con-

centrar tais emaranhados de “objetos” (antropologia do Estado, da saúde, da alimentação, dos esportes, da ciência, entre muitas outras), bem como promover a circulação de expressões geoanalíticas que alcançam o poder de sínteses (perspectivismo, pós-estruturalismo, pós-social etc.). De modo que se configuram movimentos que seguem um vetor na direção da dispersão ao adensamento (de inscritores, de pesquisadores, de conceitos, de temas etc.).

Balanços servem de guias bibliográficos e cumprem evidenciar formas de abordagem que levam a prospectar lacunas empíricas e teóricas, identificar inserções institucionais, elencar relevâncias e hierarquias de centros de pesquisa, avaliar contribuições e limites teórico-metodológicos e acomodar ou desacomodar os pesquisadores autores no interior dessas redes parciais.

Quando promovido à temática, o fenômeno passa a acolher seguidos balanços bibliográficos e textos exegéticos. Tal movimento implica em mais adensamento,

1 Processos de produção científica geram protocolos específicos de divulgação, nesse sentido vale notar como outras áreas vêm as ciências sociais no tocante ao tema da autoria: “O International Committee of Medical Journal Editors, criado em janeiro de 1978, em Vancouver, tem por objetivo o estabelecimento de critérios comuns para a publicação de artigos científicos na área da saúde [...] Alguns alunos, especialmente em nível de doutorado, necessitam de tão pouco auxílio, que podem ser considerados autores únicos de seus trabalhos. Esta situação ocorre mais frequentemente na área de Ciências Humanas, onde a produção é mais *pessoal* e depende menos do trabalho realizado por uma equipe de pesquisa. Na área da pesquisa em Ciências Biológicas e da Saúde, por exemplo, esta situação é mais difícil de ocorrer [...]”. (Goldim, 2007, grifo meu). José Roberto Goldim (2007), *Aspectos éticos, legais e morais relacionados à autoria na produção científica*. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/autor.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2020. Modelos de colaboração coletiva tais como *Creative Commons*, *Science Commons*, autoria coletiva progressiva (cc) ainda se mostram tímidos nas ciências humanas em geral, que seguem modelos que primam pela autoria individual na produção das carreiras universitárias. Um exercício interessante na antropologia brasileira foi a Rede Abaeté: “No final de 2004, dois professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Marcio Goldman e Eduardo Viveiros de Castro, idealizaram a Rede Abaeté de Antropologia Simétrica [...]” onde se deu a “[...] criação de uma página wiki, na qual é possível desenrolar discussões e produzir textos coletivos, (no sistema wiki, toda pessoa que acessa a página pode mudar o conteúdo do que lê, e todas as outras pessoas que acessam podem ver essas modificações)”. Aristóteles Barcelos Neto, Danilo Ramos, Maíra Santi Bühler, Renato Sztutman, Stélio Marras e Valéria Macedo. “Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro e Marcio Goldman”, *Carbono – Natureza, Ciência e Arte*. Disponível em: <<http://revistacarbono.com/artigos/02abaete-rede-de-antropologia-simetrica/>>. Acesso em: 20 fev. 2020. Originalmente publicada em *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

diagnosticado como um bom sinal de que as disputas por narrativas já podem ser visibilizadas menos como “estados da arte” sobre determinado tema e apontar para dinâmicas mais relacionais. Nesse sentido, balanços bibliográficos servem tanto para expor e correlacionar substantivamente os trabalhos quanto para prospectar e mover de quando em quando as fronteiras que abrigarão o conjunto de pesquisas e pesquisadores para além dos marcadores formais das instâncias acadêmicas.

“Estados da arte”, e que se tenha em mente algumas das extensões metafóricas do próprio termo “estado” como condição de instanciação classificatória visando essencializações de toda ordem (Herzfeld, 2014), se prestam a conter o aparente caos que se instaura na miudeza ou no varejo da produção científica, que inevitavelmente se dispersa e se entrechoca ao tentar se perpetuar institucionalmente.

Partimos da ideia de que balanços bibliográficos, expressões mais técnicas para “estado da arte”, nos servem como inscrites inventados para auxiliar na descoberta de pontos nodais da produção de redes concorrentes, tais como novos recortes empíricos, escopos e escalas temáticas, inflexões teóricas, questões epistemológicas. Em que pesem os desafios impostos a qualquer ciência, é óbvio também que os rumos que as abordagens tomam no interior do debate acadêmico são motivados por demandas vindas de fora, ou de muitos foras inventados, redes discursivas e contextos sócio-históricos que comprometem (e turvam, redirecionam) os olhares dos pesquisadores.

Somada a tudo coroa-se a rotina laboral nas universidades, onde, por intermédio das disciplinas ofertadas em cursos de graduação e pós-graduação, núcleos e laboratórios, os temas convertidos em temáticas povoarão

salas de aula, dossiês em revistas, coletâneas, reuniões, encontros científicos e, por fim, balanços ou ensaios bibliográficos que testam as conjunturas e a relevância deste ou daquele tratamento ou abordagem, mobilizando os emaranhados acadêmicos para muito além de seus objetos.

Reticentes em relação à dispersão etnográfica, e impondo uma visão sociológica mais estrita, muitos balanços bibliográficos cumprem corrigir tais dinâmicas aleatórias enunciando a produção em torno de algum tema como produto histórico de ações conscientes, inconscientes e ideológicas, desferidas por seus próprios atores e seus interesses. E diante do “real”, última instância a ser desvelada e ou detida, impõem-se, nesse caso, constructos objetivistas e tipológicos de classificação, reagrupando e ordenando pesquisas em grupos de estudo, tipologizando contextos de produção, familiarizando ou desfamiliarizando autores e aportes conceituais.

Alguns balanços podem ser concebidos como mais cartográficos, rearranjando ou arrumando os temas, recortes e autores em inscrites quantitativos e bibliométricos, chamando a atenção para a importância, a diversidade e a qualidade da produção em tela, tomando o tema como coisa externa ou real. Outros propõem sínteses críticas reflexivas, “escavações” profundas (Souza; Marchi Júnior, 2017), externalizando o próprio conhecimento como sendo uma espécie de última fronteira do esforço intelectual na prospecção do mesmo real. A despeito de ao menos inquirir sobre a possibilidade de tomar qualquer cultura acadêmica como desdobramento do processo inventivo cultural, concentram esforços sobre essa produção acumulada, constituindo sociologias, histórias e antropologias dos intelectuais e “seus” temas.

Partindo da concepção de que a cultura não é tão somente algo (um sistema, um conjunto de artefatos, amálgama de ideias e representações), mas o próprio movimento ou conjunto de relações inventadas permanentemente por qualquer um (de intelectuais a torcedores de futebol), talvez outro deslocamento possa ser sugerido a partir das recomendações mais gerais feitas por Roy Wagner (2010), autor praticamente retido na seara antropológica, mas ignorado como inspiração teórica e metodológica nos estudos sobre futebol. Wagner chama a atenção para as motivações de natureza simbólica e de controle em torno do objetivismo que clama pela descoberta dos chamados interesses ocultos na presunção de um real colocado como estado ontológico universal.

No caso das ciências sociais, inventamos a sociedade, nossa realidade, como sendo essa entidade imanente e ao mesmo tempo externa passível de objetivação (Pinheiro, 2004), coisa tangível e instância última suportada pelas noções de “social”, “cultural”, promovendo correlatos conceituais de grande persuasão narrativa como “estrutura”, “campo”, “sistema”.²

Não há espaço, obviamente, para retomar aqui essas implicações “pós-sociais”, mas nos inspirar em algumas de suas proposições que podem servir para problematizar uma perspectiva hierarquizante inerente à ideia sobre esses balanços. Só resalto que há pouco rendimento em tomar uns como sendo balanços “superficiais”, porque são mais cartográficos, e outros mais “profundos”, porque são “epistemológicos”. O interesse aqui é outro, até mesmo porque não pretendo replicar, para os balanços, novas

tipologias. Partimos, então, da singela alegoria de que balanços bibliográficos balançam, se movimentam, e, ao contrário de evocar adensamentos, fluidificam o conhecimento acumulado sobre determinado assunto. Tomo-os menos como pano de fundo fixo para assumi-los como figuras agentivas em nosso *metiér*.

De uma perspectiva mais etnográfica, tendo a ver os balanços bibliográficos, assim como as pesquisas e os textos que os alimentam, como portadores de uma irreduzibilidade criativa infinitesimal e espécie de alteridade diante dos modelos sociológicos sistematizadores, conservando das pesquisas um certo frescor randômico que abre e não encerra ou cerca os debates.

Por isso mesmo realizar um balanço bibliográfico sobre alguns balanços da produção sobre futebol não induz a replicar mais um reducionismo ou mero atalho. Em antropologia, há um bom tempo recomenda-se aos pesquisadores que se encontram no momento de redação de suas dissertações e teses a evitarem as revisões ou apanhados bibliográficos apartados da produção dos dados etnográficos.

Faço agora a mesma recomendação na leitura dos balanços bibliográficos que, não inertes ou pairando sobre as bibliografias que reúnem, a elas devem ser incorporados como inscritesores que se põem em relação com o conteúdo que expõem e tentam circunscrever, sem com isso deixar de perceber que, ao organizar e reconstituir campos de saber, também os tornam elementos de um ciclo sempre randômico de novas possibilidades investigativas no interior da produção científica.

2 Para uma síntese sobre a operacionalidade do conceito de sociedade em antropologia, consultar vários textos reunidos em Strathern (2014).

O futebol e a identidade nacional

As muitas práticas dos futebólís³ que se formalizaram em experiências continuadas Brasil afora tornaram-se, nas últimas cinco décadas, objetos dessa dinâmica acadêmica, bastante desigual, é bem verdade, de prospecção, captura, reprodução e estabilização de uma área temática que, pode-se dizer, fez sua aparição no cenário intelectual universitário nacional no final dos anos 1970.

Balances cartográficos mais cuidadosos dão conta de textos pouco ou nada conhecidos da maioria dos intelectuais esportistas, como segue: “[...] as primeiras contribuições dentro das ciências humanas para o estudo do futebol datam da década de 1940: o ensaio ‘O papel da magia no futebol’, de Mário Miranda Rosa (1944), e a resenha do sociólogo Luiz Aguiar Costa (1947) do livro de Mário Filho, ‘O negro no futebol brasileiro’, então recém-lançado” (Giglio; Spaggiari, 2010, p. 295).⁴

Intelectuais de carreira acadêmica em ciências sociais ensaiaram, nos anos 1970, suas primeiras provocações a respeito do futebol pela imprensa escrita, exemplos mais notórios podem ser consultados em Baeta Neves (1979) ou Miceli (1977a; 1977b; 1978). Mas a aparição acadêmica destacada, uma raridade nas narrativas das ciências estatais ou normais, foi justamente feminina, identificada nas pesquisas de mestrado de Simoni Lahud Guedes e que redundaram em sua dissertação intitulada *O futebol brasileiro: instituição zero*, defendida no

Museu Nacional e orientada pelo professor Castro Farias, em 1977.

Deslocar o eixo Rio-São Paulo, tanto da produção intelectual específica quanto das narrativas sócio-históricas pretensamente hegemônicas que pautaram parte do discurso socioantropológico sobre futebol, foi um esforço espalhado que atingiu excelentes resultados, implementado por muitos pesquisadores solitários ou centros, grupos e laboratórios de pesquisa que desvelaram a ocorrência empírica dessa prática, multiplicando narrativas e problematizando os reducionismos de uma sociologia e antropologia regional domiciliada no Sudeste. Essa é uma advertência e um incômodo explicitado em alguns dos balances bibliográficos mais recentes, que problematizam questões factuais pontuais, essencializadas e difusionistas, tais como onde surgiu o futebol, quem escreveu a primeira tese etc.

Essa pequena nebulosa de intelectuais em torno do futebol firmou-se nas ciências humanas, destacando-se, entre elas, a contribuição da antropologia, que paulatinamente passou a abrigar a sociologia dos esportes (Da Matta *et al.*, 1982), a antropologia do esporte (cf. Guedes, 2011), os etnoesportes (Toledo, 2001); etnodesportos (Fassheber; Rocha Ferreira, 2006; Freitag; Fassheber, 2011), os estudos sociais do esporte (cf. Gastaldo, 2010; Spaggiari; Machado; Giglio, 2016), a antropologia do futebol (cf. Guedes, 2010), a antropologia das práticas esportivas (cf. Toledo, 2001; Costa; Toledo, 2009; Guedes, 2010).

3 O termo “futebólís” ganhou uma revisão e apuro crítico em Damo (2018). O autor indicará, pelo menos, dois amplos contextos, epistemológico e político, em que esse descritor passou a problematizar algumas guinadas e a expansão dos estudos em ciências sociais.

4 Vale apenas mencionar que Mário Miranda Rosa, embora um educador acadêmico, não era exatamente um cientista social.

Esses jogos de descritores e nomeações de subáreas têm obviamente relações de contiguidade e afinidades entre si e dizem respeito às linhagens acadêmicas, aos enfoques teórico-metodológicos que ostentam e que acabam produzindo um certo esgarçamento conceitual sobre os esportes e o futebol em específico. Circulam também, nesse meio, termos que poderiam ser tomados por alegóricos ou divertidos, portanto não sérios, e que, por isso mesmo, são curiosamente considerados menos técnicos e curiosamente distantes do “real”, tais como a provocativa “antropologia do óbvio” (Da Matta, 1994), “antropologia do avesso” (Guedes, 2010)⁵ ou ainda a “socioantropologia da bola” (Morais; Rattón; Barreto, 2008).

A despeito da carga um tanto jocosa que tais expressões oferecem, tornam-se exemplos da tensão que os trabalhos de fatura acadêmica não deveriam negligenciar, ou seja, algo que tem a ver com as dimensões da “coetaneidade” (Fabian, 2013) entre narradores diversos, alguns mais “objetivistas”, outros mais alegóricos, não obstante todos, na verdade, metafóricos porque próximos aos níveis das “experiências” (Goldman, 2006) que os motivam diante de um assunto tão ubíquo.

Já adiando uma discussão, metáforas são compreendidas aqui não apenas como figuras de linguagem a se colocar no lugar de outras coisas, conservando essas “outras coisas” em uma representação inerte ou estável, preservadas das relações que possam estabelecer com elas, mas implicando, sobretudo, um senso dialético entre a linguagem de conhecimento comum e a científica, transformando metáforas da vida em cultura

acadêmica e vice-versa. Ou, dito de outra maneira, levando-se também em consideração que “[...] a característica fundamental da antropologia seria o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal” (Goldman, 2006, p. 167).

Inicialmente uma prática corporal tomada pelos juízos higienistas, eugenistas, lúdicos e políticos, obviamente que não necessariamente nessa ordem linear temporal, o jogar futebol ganhou atenção e olhares provenientes de muitos lugares, gestando um campo espraiado de sociabilidades organizadas em associações, clubes e organizações, tal como uma historiografia (Meihy; Witter, 1982; Franco Júnior, 2007; Pereira, 2000; Melo, 2001; Santos, 2010; Silva, 2016; Streapco, 2016; Souza, D. A., 2018; Souza, J., 2018; Burlamaqui, 2019) ou trabalhos de fatura histórica em outras áreas (Caldas, 1990; Melo; Genovez, 1998; Giglio, 2013) seguiram e seguem mapeando.

Mobilizo aqui um conceito basilar para compreender o processo de espraiamento e potência gregária assumida pelo futebol, condição para que valores políticos, econômicos e estéticos fossem a ele agregados, e que diz respeito aos modelos de sociabilidade que redundaram em essencializações de toda ordem: das práticas mais erráticas entre convivas reunidos nos contextos ou horas de lazer às formalizações, associações recreativas de variados segmentos sociais (Pereira, 2000; Santos, 2010; Silva, 2016; Favero, 2018), culminando com o espraiamento das fronteiras clubísticas que paulatinamente concentraram em torno de si dezenas, centenas e milhões de seguidores. Isso porque o exame das “estruturas de sociabilidade”, seguindo

5 Antropologia do avesso, a bem da verdade, é um termo que a autora atribui a toda produção damattiana, o que inclui os textos sobre futebol.

uma orientação historiográfica que estreitou diálogos com a antropologia, produziu seus métodos que delinearão “[...] em filigranas as mudanças de uma sensibilidade coletiva, talvez mais que a evolução de uma problemática histórica” (Vovelle, 1987, p. 238).

Nascente com os esportes, foi a atenção jornalística quem primeiro textualizou a novidade corporal futebolística, adestrando os olhares correlacionados ao *jogar*⁶ e às percepções sensoriais que formatariam o alastramento de práticas (masculinas e femininas, diga-se) nas nascentes metrópoles na passagem do século XIX para o XX (Sevcenko, 1992; Pereira, 2000; Santos, 2010; Del Priore; Melo, 2009; Bonfim, 2019).

As ciências sociais praticadas no Brasil, mais jovens que ambos os fenômenos — o advento dos esportes e a tateante imprensa esportiva —, começariam a polir conceitualmente, mas também ideologicamente, segundo algumas abordagens que promoveram balanços críticos à produção sociológica do futebol (Souza, 2014; Souza; Marqui Júnior, 2017; Souza, J., 2018), o lugar dessa prática corporal na sociedade brasileira. Aparecem destacados neste momento alguns ensaios

eccléticos presentes em autores, digamos, que usufruíram de métodos mais híbridos, tais como Gilberto Freyre, Mario Rodrigues Filho e Anatol Rosenfeld, comumente tomados como aqueles que metamorfosearam uma prática em discurso (estético, filosófico, sociológico e antropológico).

Essa protogeração, se assim pudermos reuni-los, germinaria a temática do futebol que seria acomodada, mais sistematicamente, por uma outra camada de intelectuais mais estabelecidos, na rotina das carreiras universitárias, tal como se conhece hoje e que passaram a dar atenção a esse esporte, seja como metáfora e/ou realidade social.

Coube, no contexto da antropologia, pela primazia de etnólogos como Roberto Da Matta e um seleto grupo de pesquisadores,⁷ a tarefa de incorporar o futebol no rol de objetos que compuseram um primeiro agregado temático. É comum identificar rapidamente em Da Matta uma correlação estreita da sua obra com os autores seminais que inauguraram a protogeração dos estudos sobre futebol. Aliás, é o próprio autor que se coloca na posição de continuador de um pensamento social brasileiro (Da Matta, 1979).⁸

6 Não caberá aqui tecer uma discussão mais detida sobre essas duas instâncias gerativas e da ordem dos sentidos que amparam, na minha concepção, as noções de jogo e esporte, quais sejam, o *olhar* e o *jogar*, esforço analítico que ofereci na minha tese de titularidade, renomeando tais sentidos pelas expressões dialéticas *olhar jogado* e *jogar olhado*. A referida tese foi defendida no final de 2019 e até o momento encontra-se inédita.

7 Excetuando Simoni Lahud Guedes, os outros autores que constam de Universo do Futebol, para além de Roberto Da Matta, que no ano de publicação (Da Matta *et al.*, 1982) já era uma autoridade reconhecida em etnologia, Jê, Luiz Felipe Baeta Neves e Arno Vogel mobilizavam, à época e posteriormente, interesses de pesquisa muito distintos. Apenas por uma rápida consulta aos currículos lattes de ambos constatamos alguns temas e linhas de pesquisa as quais se debruçaram ao longo de suas carreiras: o primeiro desenvolveu pesquisas sobre instituições jesuíticas, arqueologia histórica e memória, e o segundo, antropologia urbana, meio ambiente, movimentos sociais, antropologia das populações afro-brasileiras. Há de se mencionar um quinto incluído autor ausente em Universo do Futebol, Ricardo Benzaquen de Araújo, que talvez tenha produzido o segundo trabalho acadêmico em antropologia sobre futebol, sua dissertação de mestrado *Os gênios da pelota*, autor que logo se enveredaria pelo pensamento social brasileiro, destacando trabalhos sobre Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre (tese de doutorado) (Araújo, 1980).

8 Porém, há de se levar em alta conta sua formação propriamente etnológica que resultou em seus estudos sobre os Apinajés em *O mundo dividido* (Da Matta, 1976), para que se complete uma crítica mais razoável e menos intempestiva à sua visão dual sobre a relação que estabelece e projeta para a diáde futebol e sociedade.

Para além da problemática relacionada ao imbricamento entre cultura, sociedade e futebol, também presente na protogeração, esses primeiros trabalhos em antropologia ofereceram alguns aportes conceituais que devem ser lidos como uma marca inalienável desses *antropólogos esportistas*, que pautaram e formaram seguidas gerações dentro dessa específica área do conhecimento e alhures.

Damo, em um criativo e sintético balanço bibliográfico, aponta com muita acurácia para essa questão dos usos literalizados do termo esporte pela sociologia eliasiana comparado às mediações que o termo jogo impôs ao conceito de esporte no Brasil: “mesmo estando na Inglaterra, onde o futebol sobressai em relação às demais modalidades esportivas, nota-se que na publicação conjunta de Elias e Dunning (1992) fala-se seguidamente em esporte — mesmo que a partir do futebol [...] ao passo que na produção brasileira da primeira geração, sobretudo, o futebol aparece como descolado, a tal ponto de Da Matta [...] sugerir até mesmo uma oposição entre sport e game, situando o futebol brasileiro no registro deste, ou seja: como jogo” (Damo, 2016, p. 328).

Vista sobretudo de “fora” das ciências sociais, mas em parte também a partir do seu interior, a produção antropológica sobre futebol, às vezes, é reduzida a um “culturalismo” espectral, evocando um descritor anacrônico do ponto de vista do desenvolvimento das teorias ditas sociais.

Todavia, sem desconsiderar os usos e abusos conceituais que o termo culturalismo possa evocar, tais reificações, que pesam desmedidamente no concerto da crítica, impõem ao termo culturalismo um plano meramente representacional de algo mais determinante e “real”, se esquivando do debate sobre o estatuto epistemológico da etnografia, presumida, não raramente, como mera

técnica de pesquisa subsidiária. Essa crítica também investe na ideia de que há, ao cabo de tudo, continuidades e aproximações um tanto perniciosas entre o senso comum, com suas metáforas, e o objetivismo amparado nas teorias sociológicas bem estabelecidas.

Ao contrário dessa visão, a intenção aqui é tratar metáforas e teorias como domínios “igualmente diferentes” (Goldman; Viveiros de Castro, 2006), o que não implica em obliterar relações de poder que possam tensionar os domínios do senso comum e da ciência. De todo modo, problematizar tais fronteiras objetivistas é todo esforço que as etnografias podem explicitar.

A crítica, embora seja pontualmente atenta em relação aos aspectos que tematizam as relações entre um determinado futebol hegemônico e outra noção problemática, identidade nacional, no interior de parte dessa produção antropológica, peca por um reducionismo e objetivismo já há muito problematizado na antropologia. Negligenciar o alcance epistemológico das etnografias em muitos desses trabalhos e desconhecer a crítica ao estatuto de cientificidade que se definiu pela conhecida virada ontológica na disciplina há algumas décadas (Holbraad; Pedersen, 2017; Viveiros de Castro, 2018) é tratar seletivamente toda uma área de pesquisa.

De balanços e futebóis

como este não é um texto de mapeamento da produção antropológica sobre a temática do futebol, coextensivamente dos esportes, venho entremeando e destacando uma diminuta bibliografia formada por balanços bibliográficos, que, de dentro e fora dos muros mais cerrados da antropologia, cumprem estabelecer algumas diretrizes de leitura para quem se inicia nos estudos so-

bre futebol ao mesmo tempo em que pautam itinerários bibliográficos de pesquisas em andamento.

Alcançar uma produção representativa pela via de um único balanço bibliográfico sobre a categoria genérica e problemática futebol, pretensão hoje descartada por quase todos aqueles que se voltam à tarefa dos balanços, certamente é empreendimento intelectual descabido, ou viável somente se levar em consideração, tal como esboçado no tópico seguinte, a importante segmentação temática que essa bibliografia alcançou, multiplicando cada vez mais as demandas políticas e, por consequência, acadêmicas na abordagem de outros futebolis para além do futebol dito espetacularizado (Damo, 2007).

Por isso, uma ampla bibliografia híbrida e conexa sobre futebol como fenômeno pervasivo só poderia merecer uma atenção sistemática desde que tomada por parcial e segmentada, ou seja, tratada

por balanços bibliográficos que recortem aquilo que defino por temáticas-demandas que vão além da contenção estimulada pelas searas acadêmicas.

São inúmeros trabalhos que circulam e que tematizam Copas do Mundo, sociabilidade torcedora, mídia esportiva e recepção,⁹ futebol e estética popular, futebol de várzea, futebol de mulheres etc (Goellner; Kessler, 2018). Alguns exemplos de balanços mais circunscritos já foram oferecidos: futebol e gênero,¹⁰ futebol e marcadores raciais,¹¹ futebol e urbanização¹², futebol na literatura ensaística,¹³ e há outros ainda por realizar, como comportamentos de coletivos torcedores,¹⁴ futebol e justiça, futebol no contexto ameríndio, Copas do Mundo na perspectiva das ciências sociais, etnografias sobre megaeventos, enfim, algumas poucas sugestões que podem ser seguidas.

Alguns balanços bibliográficos (Toledo, 2001; Alabarces, 2004; Guedes, 2010;

9 Conforme Soares (1994); Gastaldo (2002); Andrade (2013).

10 Atestando o impacto da temática de gênero, o enfoque na relação com os esportes já foi objeto de balanços bibliográficos de caráter mais historiográfico presentes em Goellner (2013).

11 Por exemplo, Leite Lopes (1994; 1997); Gordon Junior (1995); Moura (1998); Soares (1997); Silva (2006); Silva (2008).

12 A bibliografia sobre esportes e futebol em específico realça ou superdimensiona, segundo Dias (2013), a relação estreita entre a emergência dos grandes centros metropolitanos que despontaram no Brasil na virada do século XIX para o XX e a popularização das práticas esportivas. Em um sucinto e instigante balanço bibliográfico, aponta como algumas regiões mais periféricas igualmente colaboraram para a difusão dos esportes em território brasileiro. Um bom exemplo pode ser consultado em Rigo (2004). Nessa chave podem ser acolhidos os muitos futebolis metropolitanos denominados de “pequenos” ou varzianos, abordados, por exemplo, em Guedes (1977); Magnani e Morgado, (1996); Santos (2001); Hirata, (2005); Favero (2018).

13 Conforme Buarque de Hollanda (2017).

14 O viés “torcedores” contribuiu para que os acadêmicos esportistas nacionais (antropólogos(as), sociólogos(as), historiadores(as), geógrafos, pesquisadores e pesquisadoras em educação física, produzissem colaborações pontuais em coletâneas, mas também redes internacionais e colaborativas de pesquisas. E, dentro dessa paisagem, nomes importantes como Pablo Alabarces, Eduardo Archetti, Eric Dunning, Martin Curi Spörl, José Garriga Zucal, Matías Godio, Verónica Moreira, Santiago Uliana, Gastón Gil, Anastasia Tsoukala, Richard Giulianioti, Patrick Mignon, Nicolas Houcarde, entre muitos outros, passaram a colaborar e ou frequentar a bibliografia nacional contribuindo de uma perspectiva comparativa para elencar e problematizar um conjunto de temas como relações raciais no futebol, feminismo, política e poder, judicialismo e violência, Estado e, no geral, comportamento torcedor. Por exemplo, ver Armstrong e Giulianioti (1997); Alabarces, Conde e Dodaro (2005); Godio e Uliana (2011), Zucal (2013), Buarque de Hollanda e Reis (2014); Spörl (2014); Buarque de Hollanda e Aguilár (2017).

Spaggiari; Machado; Giglio, 2016) registram que a rotinização dos debates acadêmicos em ciências sociais sobre esportes iniciou seus primeiros movimentos gregários nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 2000.¹⁵ Por ocasião da edição ocorrida em 2004, Guedes e Toledo (2004), que coordenavam àquela época o grupo de trabalho, lançavam algumas hipóteses em relação ao lugar da antropologia naquele contexto:

Se, como hipótese geral, a subárea Antropologia do Esporte tem sido marcada por uma certa multidisciplinaridade em relação às contribuições recebidas nos encontros científicos, sobretudo quando coordena tais eventos (RAM ou RBA), o que a distingue de outras áreas mais consolidadas, cujas especializações as tornam fortemente endogâmicas, tais como os grupos de etnologia, a antropologia do esporte ocupa, ao menos até o presente, um papel de receptora de pesquisadores, temáticas e novas abordagens. O que, em princípio, poderia confirmar definitivamente o sucesso da abordagem antropológica sobre os esportes desde sua maior sistematização em Da Matta *et al.* (1982). Mas esta acolhida ou “troca” intensa tem revelado seus próprios limites e impasses. Se, por um lado, a contribuição de historiadores, psicólogos, educadores, geógrafos é fundamental para consolidar a legitimidade temática diante de temas e pares no campo científico, por outro lado, essa “troca” revela-se menos evidente no que diz respeito às demandas específicas dos próprios antropólogos, que assumem na “troca” uma postura menos simétrica, em parte sustentada pela centrali-

dade e um certo pioneirismo ostentado pela disciplina na investigação dos esportes no Brasil, posicionando-se como doadora de recortes empíricos, conceitos e métodos, bem como assumindo para si mesma, num certo sentido, uma postura menos multidisciplinar (Guedes; Toledo, 2004).

Nos anos subsequentes, esse panorama enunciado por Guedes e Toledo não se confirmou porque o deslocamento de outros “acadêmicos esportistas”, notadamente sociólogos, historiadores, geógrafos, educadores, comunicólogos, conferiu várias direções e intensidade à produção, com agendas investigativas para além dos temas canônicos que balizaram os estudos em antropologia social (ritual e drama, identidade nacional, futebol e representações coletivas), diluindo sua área de influência que àquela altura, 2004, parecia uma forte tendência.

Em outro texto mais recente (2020), estendi essas observações para o interior da própria disciplina: “É sabido que outras sociologias e antropologias (inclusive trabalhos de fatura etnológica) alimentaram e seguem contribuindo com os estudos sobre esportes e fenômenos lúdicos da perspectiva antropológica [...] O que faltaria a esse movimento antropológico em torno dos esportes inverter um pouco a direção e passar a contribuir metodologicamente e/ou conceitualmente com outras subáreas dentro da própria Antropologia? Ao menos, [...] as relações com uma Antropologia urbana [...] parecem evidentes [...]”, porém saindo da seara antropológica e “[...] quando folheamos as bibliografias de trabalhos oriundos de algumas outras áreas [...]” nota-se “[...] pouca contribuição nas

15 O ano de 2020 é a efeméride marcada por uma publicação da ABA a respeito dessas duas décadas de atividade de pesquisas apresentadas nas reuniões anuais, tais como se verifica no volume organizado por Camargo, Pisani e Rojo (2020).

abordagens em Psicologia, pouco mais nas áreas da Economia e Administração, bem mais em subáreas da Educação física e contribuições que vão se adensando na medida em que se aproximam da História e outras Ciências sociais, em menor escala na Geografia e sobretudo Ciências políticas” (Costa; Toledo, 2020).

Destaco, para encerrar esta sessão e para efeitos de rápida visualização, uma pequena cronologia de textos que podem ser classificados como balanços bibliográficos ou textos mais exegéticos que circulam amparando e pautando teses, dissertações e artigos que enfocam o futebol, seja na antropologia ou em outras áreas que tematizam esportes.

Importante notar que, paulatinamente, se vão somando a essa cronologia autores de outras áreas, embora a tendência a uma socioantropologização das análises se mantenha como argumento que instiga, ao se aproximar ou ao se distanciar dos temas prevaletentes em ciências sociais.

Como se nota, trata-se de uma listagem que deveria incorporar muitos outros trabalhos que resvalam as características dos balanços bibliográficos.¹⁶ Percebe-se também um esforço inicial da parte de antropólogos que tentaram produzir e orientar essas primeiras narrativas visibilizando a própria produção em contextos comparativos com outras searas acadêmicas, como a sociologia, a história e a educação física.

2001

Luiz Henrique de Toledo. **Futebol e teoria social:** aspectos da produção acadêmica brasileira (1982–2002).

2003

Simoni Lahud Guedes. **Esporte e modernidade.** Apresentação de dossiê.

2004

Simoni Lahud Guedes e Luiz Henrique de Toledo. **Antropologia do esporte:** traços interdisciplinares através das trajetórias.

Pablo Alabarces. **Veinte años de ciencias sociales y deporte em América Latina:** un balance, una agenda.

José Sérgio Leite Lopes. **O estilo brasileiro de futebol, seus dilemas e seus intérpretes.**

2009

Ana Letícia Pedeski Ferreira. **O estado da arte da sociologia do esporte no Brasil:** um mapeamento da produção bibliográfica de 1997–2007.

2010

Edison Luis Gastaldo. **Estudos sociais do esporte:** vicissitudes e possibilidades de um campo em formação.

Sergio Settoni Giglio e Enrico Spaggiari. **A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil (1990–2009).**

¹⁶ Alguns ensaios bibliográficos adquirem a densidade de muitos balanços bibliográficos, tais como Leite Lopes (1997) ou Franco Júnior (2010). Dossiês em revistas ou coletâneas de estudos também recebem para efeitos de apresentação dos trabalhos reunidos algum texto cujo tratamento guarda muito do estilo narrativo dos balanços bibliográficos, é o caso do já citado dossiê na revista *Estudos de Sociologia* do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), denominado “Futebol, cultura e sociedade: contribuições para uma socioantropologia da bola” (Morais; Rattón; Barreto, 2008), ou o texto de título lacônico, mas que esconde sua acuidade denominado de “Apresentação” (Alfonsi e Campos, 2014), que introduz o volume *Futebol objeto das ciências humanas*, fruto do I Simpósio de Estudos sobre futebol organizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS-USP), Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Museu do Futebol.

Simoni Lahud Guedes. **Esporte, lazer e sociabilidade.**

2011

Pablo Alabarces. **Veinte años de ciencias sociales y deportes, diez años después.**

Simoni Lahud Guedes. **Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil:** perspectivas comparativas com a América Latina.

2014

Juliano de Souza. **O “esporte das multidoes” no Brasil:** entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais.

2016

Enrico Spaggiari, Giancarlo Marques Carraro Machado e Sergio Settoni Giglio. Apresentação da obra **Por uma (nova) agenda de pesquisa sobre práticas esportivas.**

Arlei Damo. Posfácio da obra **Novas abordagens sobre o esporte em ciências humanas no Brasil.**

2017

Juliano de Souza e Wanderley Marchi Júnior. **As linhagens da sociologia do futebol brasileiro** – um programa de análise.

Arlei Damo. **Romantismo e futebol nas ciências humanas brasileiras.**

2018

Juliano de Souza. **A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro.**

Arlei Sander Damo. **Futebóis** – da horizontalidade epistemológica à diversidade política

2020

Édison Gastaldo. **Esporte, antropologia e comunicação no Brasil:** explorando encruzilhadas de um campo indisciplinar.

Antropologias

No balanço bibliográfico sobre futebol (Toledo, 2001) publicado na *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas*, conhecida no meio acadêmico nacional pelo acrônimo BIB,¹⁷ elenquei aquilo que à época ousava considerar como sendo a face da produção acadêmica mais visibilizada sobre a difusão do fenômeno futebol dentro das ciências sociais brasileira em um período curto e denso (1982–2002).¹⁸

Esse balanço, como se nota pela diversidade de referências diretas e colaterais, seguiu um amplo espectro de acomodação do tema, aproximando-o à teoria antropológica clássica, distanciando-o de algum marxismo que já vinha acossado por releituras na antropologia (Da Matta *et al.*, 1982), abrigando-o no interior da antropologia urbana e sociologia histórica,¹⁹ elencando

17 Publicação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs).

18 Anos que compreenderam importante ebulição política no país dado o ocaso do regime militar instalado em 1964, fortalecimento de movimentos sindicais, acirramentos de demandas vindas de frações da sociedade civil em torno da Constituinte, redemocratização e movimentos de rua em prol das Diretas Já para presidente, crises como o *impeachment* do primeiro presidente eleito pós ditadura, seguidos planos econômicos implementados pelos governos federais de reajuste da pressão inflacionária cujos impactos incidiam diretamente no cotidiano. No âmbito fugidio do futebol masculino profissional, a seleção voltaria a vencer mais duas Copas do Mundo, 1994 e 2002, reaquecendo os temas da identidade nacional e futebol.

19 Aspecto bem retomado por Guedes (2010).

alguns dos aportes conceituais até então em voga, sempre daquele meu ponto de vista, em um sobrevoo que indicava também um ou outro aspecto da institucionalização formal que despontava a partir daqueles estudos, acentuada ao longo da década de 1990.²⁰ Depurava algumas poucas, mas persistentes, referências nacionais ou estrangeiras recorrentes nos trabalhos em ciências sociais daquele momento, não sem cometer importantes ausências que iniciativas posteriores couberam apontar.²¹

É assim, autores como Marcel Mauss (para as abordagens sobre representações, corpo e técnicas corporais), Huizinga (para se pensar a extensão do conceito de jogo), Norbert Elias e sua abordagem sociogenética dos esportes (autor que na educação física ganharia uma projeção importante),²² algum Bourdieu (da teoria da prática), somados aos ensaios e insights propriamente damattianos e de autores de sua preferência, pautaram toda uma agenda de pesquisa e se dispersaram em contribuições em uma bibliografia

que ganhou cada vez mais espaço nas variadas publicações acadêmicas.

Em um amálgama de autores, destacadamente Geertz, Turner, Dumont, Roberto Da Matta ofereceu seu modelo pendular de “estrutura social”, espécie de mandala que se desdobra em uma dialética com síntese a desvendar a lógica de uma virtude estética e moral brasileira que estaria no meio (Geiger; Velho, 2000), conjurando os chamados dilemas da nacionalidade, sendo o futebol, igualmente expressão da cultura, um deles.

De lá pra cá, outros textos ao estilo dos balanços bibliográficos focaram mais detidamente esses e outros tantos matizes da produção já suficientemente espraiada em artigos, resenhas, dissertações, teses, arguições em bancas,²³ ora mapeando e indicando aspectos quantitativos dessa produção (Giglio; Spaggiari, 2010; Campos *et al.*, 2017), ora reagrupando e reclassificando a bibliografia de uma perspectiva geracional e comparativa (Spaggiari; Machado; Giglio, 2016; Damo, 2016), ora aprofundando a análise sobre al-

20 Destacava à época a novidade e importante iniciativa vinda da sociologia implementada pelo professor Mauricio Murad: “O próprio futebol passou a ser tema de curso na grade curricular de ensino de graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro a partir de 1994. Antes, em maio de 1990, foi fundado o Núcleo de Sociologia do Futebol, no departamento de Ciências Sociais, que procura veicular trabalhos e contribuições através de um periódico” (Toledo, 2001, p. 135). Mais tarde, Murad reconstituiu sucintamente aquele panorama de colaboração em que contextualiza o papel da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e os esforços coletivos em acolher tais iniciativas a partir de 1994, conforme Murad (2017).

21 Outros balanços bibliográficos chamariam a atenção para autores como Thorstein Venblen, Eric Hobsbawn, ou ainda nomes mais contemporâneos diretamente relacionados às pesquisas sobre futebol, como Christian Bromberger, Richard Giulianoti, Eduardo Archetti, entre outros.

22 Damo fará uma importante observação a esse respeito: “Diferentemente dos antropólogos, os sociólogos e historiadores dedicados ao estudo do esporte no Brasil apropriaram-se muito mais da obra de Elias, e não sem motivos. O conjunto da sua produção tem implicações epistemológicas mais próximas a essas disciplinas do que da Antropologia [...]” (Damo, 2016, p. 332). Só acrescentaria que algumas áreas da educação física voltadas para uma abordagem mais sociológica também se beneficiaram amplamente desse autor. Para a verificação dessa relação colaborativa entre sociologia e educação física, consultar, por exemplo, o apanhado feito por Murad (2009).

23 No livro *Remexer anotações: o trabalho de um arguidor antropólogo* (Toledo, 2019a), no qual discuto o estatuto das arguições como peça importante de interlocução acadêmica, selecionei vinte arguições em que participei em bancas de mestrado e doutorado em alguns programas de pós-graduação, das quais uma trata do *skate* e sete tematizam o futebol.

guns temas negligenciados, tais como política, Estado, poder e futebol (Alabarces, 2004; 2011; Guedes, 2010; Spaggiari, Machado; Giglio, 2016; Damo, 2016), ora reivindicando maior sinergia entre áreas contíguas de abrangência temática, particularmente a educação física e a comunicação (Gastaldo, 2010; 2020), ora visibilizando a possibilidade de um pensamento social esportivo propriamente dito naquilo que ele se comprometeu em suas implicações epistemológicas para a reflexão mais crítica sobre esse conhecimento (Souza; Marchi Júnior, 2017).

Para efeitos didáticos e extrapolando, um pouco, as considerações de Damo, que somente a leitura integral do seu texto dirimirá essa falsa sensação tipológica ao revelar uma maior sofisticação e entrecruzamento de autores, conceitos e abordagens, faço uso da sua proposta em dividir em três gerações a produção brasileira sobre futebol (esportes).

A primeira o vincula à noção de nação:

o que se passa é que na divisão social do trabalho intelectual sobre o Estado-nação, essa instituição tão cara ao Ocidente, nota-se no espectro das Ciências Sociais uma tendência de se imputar à Antropologia (e poderíamos incluir a História nesse registro) a autoridade sobre a temática da nação [...] ao passo que sociólogos e cientistas políticos se ocupam sobretudo do tratamento das questões envolvendo o Estado (Damo, 2016, p. 328).

Nessa primeira geração encontram-se as contribuições do e ao redor do antropólogo Roberto Da Matta, indicadas amiúde em

praticamente todos os balanços bibliográficos.

Uma segunda geração despontaria sob a égide de outros conceitos menos abrangentes em seus propósitos epistemológicos, digamos mais tecnicizados pelas rotinas de pesquisa, tais como sociabilidade (Simmel, 2006; Waizbort, 2013; Maia, 2001; Magnani; Souza, 2007; Toledo, 2020) e lazer (Magnani, 2012; Guedes, 1977, entre muitos outros), mas que se ajustariam à prova etnográfica, imprimindo um afastamento da perspectiva ensaística que pode ser creditada, em boa parte, à primeira geração, sabidamente de composição mais heteróclita, congregando ensaístas (que poderiam definir, como já aludi, uma protogeração) e profissionais das ciências sociais.

Uma terceira geração traria questões deixadas mais à margem pela segunda geração, tais como as relações políticas e econômicas e o papel do Estado em sua multiplicidade de aproximações (tensões, conflitos) com demandas populares.²⁴ E no que diz respeito especificamente aos antropólogos nela inclusos, o corte se deu em relação à geração anterior, sem abrir mão do recurso oferecido pela etnografia e do controle das categorias nativas advindas dos contextos locais pesquisados.

Como bem salientam autores signatários dessa terceira geração, possivelmente em diálogo com outras antropologias, como a da política, a dos deslocamentos e a do Estado: “[...] a problematização desse caráter multifacetado e dinâmico do Estado mostrasse essencial para analisar os agenciamentos político-esportivos, pois a atuação dos seus

24 Mas essas divisões, se tomadas por rígidas, fracassam desde que confrontadas com as biografias de tantos pesquisadores. Por exemplo, os trabalhos de Florenzano (1998; 2009), antropólogo da PUC-SP e que, em tese, poderia se acomodar na segunda geração, dela se afasta ao tratar temas políticos concernentes menos às metaforizações em torno da ideia de nação, focando da perspectiva foucaultiana as relações entre futebol e Estado.

diversos segmentos e as relações construídas com os agentes do universo esportivo produzem diferentes configurações do Estado” (Spaggiari; Machado; Giglio, 2016, p. 21).

Geração que acredito em expansão, daí a dificuldade em definir de chofre os seus contornos, porque parece antever ou divisar ainda uma quarta, mais comprometida com demandas pela subjetividade que se politizam em redes de afetos, dentro e fora dos muros universitários, nas ruas e nos domínios da sociabilidade, e que talvez guarde suas características próprias, abrigoando temáticas relacionadas às hierarquias de gênero, aos corpos generificados, ao feminismo, à sexualidade e aos modos de existência, aos marcadores sociais da diferença e às teorias da interseccionalidade (Pisani, 2018; Bonfim, 2019; Camargo, 2018).

É como se pudéssemos dizer que o futebol que quase sempre se apresentou hegemônico e portador de identidades monolíticas relacionadas geralmente à noção de Estado-Nação, ao menos nas suas características mais decisivas, também pode ser desconcebido a partir dos mil futebolis dissonantes, que mais ou menos silenciosamente o integralizaram (Toledo; Camargo, 2018, p. 96).

Nessa linha, acrescentaria e defendo que a contribuição antropológica ao tema (afinal, por que destoaria das demais subáreas da disciplina?) se acomoda na potência da perspectiva etnográfica e o que ela pode oferecer também como teoria etnográfica, isso porque “[...] entre um saber científico sobre os outros e um diálogo com os saberes desses mesmos outros, entre as teorias científicas e as representações ou teorias nativas, nesse espaço se desenrola a história da antropologia” (Goldman, 2006, p. 163).

Para além das dissertações, das teses e dos artigos, o acúmulo crescente de coletâneas e dossiês em revistas acadêmicas nas duas últimas décadas, boa alternativa editorial que auxilia a acelerar a visibilidade das pesquisas realizadas no âmbito mais solitário e artesanal da relação orientador e orientando, tem ampliado as estratégias cuja tônica contemporânea empenha-se na fragmentação de abordagens, consolidando a crítica ao futebol genérico essencializado como produto dos processos históricos metropolitanos, nacionalizante em seus aspectos representacionais, masculino e masculinizante na sua feição existencial e subjetiva, bem como profissionalizado e/ou espetacularizado em sua hegemonia política e econômica.

Tais constructos sócio-históricos e imagens perpetuadas pelas mídias têm se dissolvido em uma miríade de futebolis e demandas capturadas pelas pesquisas que, grosso modo, passam a aclarar e reivindicar práticas mais localistas, regionais, generificadas, dissonantes, insurgentes, periféricas e que, de modo geral, descortinam uma economia simbólica da emoção assentada na noção de diversidade, muitas vezes aproximada à categoria do empoderamento, outro modo de correlacionar a dimensão política com as demandas pelo esporte.

Essa multiplicidade de abordagens, que também contrariamente recebem a pecha de identitaristas, acompanha os contextos mais recentes de crise das representações em vários sentidos e direções e que alcançaram os domínios das universidades por intermédio das acertadas políticas de cotas que pressionaram, até onde puderam, as rotinas conservadoras de produção do conhecimento. Em que medida as análises sobre o futebol ou os esportes puderam se reinventar a partir dessas demandas ainda é uma pergunta prospectiva, mas já existem bons indícios sugeridos

nessa produção renovada, ao menos, em seus aspectos temáticos.

Impossível elencar aqui essa produção antropológica recente, então cito, obviamente de maneira muito enviesada, trabalhos que, descobertos pelas oportunidades profissionais, indicações pessoais e visibilidade de redes de pesquisa, me chegaram às mãos e que atestam novos impulsionamentos na direção de outros temas com desdobramentos conceituais importantes. Destacaria, entre esses: Spaggiari (2014); Chiquetto (2014); Bocchi (2016); Machado (2017); Alfonsi (2018); Favero (2018); Thomaz (2019); e Pires (2020), só para ficar em uma lista muito impressionista e próxima.²⁵

Vale dizer que se esses trabalhos citados foram defendidos em programas de pós-graduação em antropologia, nem todos se autoatribuem ou são reconhecidos como herdeiros diretos de uma antropologia esportiva, tal como alguns balanços bibliográficos desenharam, pensando em fronteiras mais delimitáveis entre subáreas. Não obstante, os conjuntos que tematizam os esportes e o futebol tendem a ganhar, mesmo no interior da antropologia, esse direcionamento mais randômico de suas produções, que não podem ser disciplinarmente contidas, apontando para o fato da diversidade como força motriz e pressuposto metodológico no acolhimento de novos interlocutores de pesquisa. Movimento que hoje parece mais constante, mas que ao longo dessas últimas décadas já ofereceu exemplos pontuais, tal como é o caso da relação com a etnologia ameríndia, alcançada pelas práticas esportivas em pesquisas etnográficas (Vianna, 2008; Costa, 2013).

Mas, para além das evidências da diversidade, mais contemporaneamente tem-se colocado a questão da diferença como matriz epistemológica, vislumbrada a partir de toda uma bibliografia que, pontualmente, começa a aparecer nos estudos sobre futebol, e penso particularmente em autores seminais, sobretudo Marilyn Strathern e Roy Wagner, ou mesmo outros clássicos paulatinamente mobilizados para além de suas searas de origem, como Gabriel Tarde e Gregory Bateson, que têm estimulado outras perspectivas, retirando o futebol de suas seguras esferas mais morfológicas amparadas em noções como nação, sociedade, instituição e outras categorias holísticas, passando a ambientá-lo no torvelinho de noções como relações, redes, invenção, metaforização, cismogenia.

Na última parte deste texto ofereço uma breve discussão sobre as possibilidades de que a intrincada noção wagneriana de metáfora pode auxiliar na prospecção de novas abordagens sobre “velhos” temas, e assim encerro este balanço bibliográfico com uma digressão conceitual que sempre tensionou e esteve mesmo no cerne desses estudos. Retornarei para a relação entre “realidade social” e metaforização como controles epistemológicos na produção de saberes sobre o futebol, tensão persistente que parece amparar as classificações presentes em muitos balanços bibliográficos, na constituição de tipologias e famílias conceituais.

Porque os usos e abusos desse recurso estilístico da metáfora variam, se tomarmos o rendimento que tiveram nos trabalhos de cada geração de estudiosos, dos mais ensaísticos aos mais sociológicos, mas o que parece um consenso silencioso é o modo como tal

25 Mas incluiria nessa terceira geração trabalhos anteriores que focaram outros aspectos importantes e menos observados pela segunda geração, tais como a circulação de jogadores (Rial, 2008; Palmieri, 2009).

máxima, qual seja, tomar o futebol a partir de algum paradigma metafórico, foi apenas parcialmente explorada em um sentido propriamente metodológico.

Passo a indicar a contribuição que alguma antropologia muito menos exposta ao tema do futebol pode oferecer aos estudos mais contemporâneos, levando em consideração as advertências feitas por Damo de que “de um ponto de vista teórico nossa produção precisa avançar, desvencilhando-se do uso instrumental de certos autores consagrados, que não raras vezes aparecem mais para emprestar autoridade aos argumentos do que para suscitar interpretações arrojadas” (Damo, 2016, p. 334).

Mas, dito de outra maneira, para se levar a sério as conceituações, é preciso obviá-las como se fossem metáforas, quer dizer, torná-las evidentes para que possam, ao mesmo tempo, ser desmobilizadas da função de meras artífices de narrativas representacionais explicativas, práticas que as fazem perder a fulgurante dinâmica ou capacidade relacional de metaforização. A presunção unívoca analítica que as teorias retêm só as fazem aumentar o fosso objetivista entre as fronteiras do senso comum e as perspectivas científicas.

Balanço bibliográfico como metáfora?

Não existe metáfora em si, literalidade em si, significante em si, significado em si. Não são distinções essenciais, absolutas. É provável que algo próximo se dê na oposição entre o dado e o construído na semiótica de Roy Wagner: o dado é o que é pressuposto em função do que se usa como controle. Isso não quer dizer que,

em outra circunstância, não se possa tomar o que se tomava como construído como dado e vice-versa. Ou que seja necessário dispor primeiro de um dado para que depois se tenha um construído: eles são simultâneos, estão em implicação ou pressuposição recíprocas.²⁶

Metáforas são mais que boas figuras de linguagem para alcançar significados. Quero entender com isso que usar uma metáfora para definir algo e estender seu significado é expressar um movimento que não necessariamente leva à representação solidária com o objeto ou a coisa metaforizada (coisa, de um lado, e ideia, a metáfora, o conceito, de outro). Metáfora não apenas auxilia a “representar” algo ou tornar a coisa mais “próxima” porque também pode colocar a coisa representada sob o risco de outras significações, a depender do contexto relacional em que pode ser enunciada, exprimindo também distanciamento, diferença ou indiferença em relação à coisa metaforizada. E que nas relações entre os atores não se tem garantia de alcançar o significado somente no reino da convenção semântica.

Classificações simbólicas (codificações referenciais que medeiam a percepção e o mundo) são, para autores como Roy Wagner, apenas parte dos fundamentos que levam à simbolização humana, uma vez que as ações, as motivações (*inputs* individuais) e as experiências sensoriais (imagens) também participam desse constructo da significação em que percepções, signos e sentidos não se plasmam tão somente em representações (uma coisa representando outra mediada por signos e metáforas), mas em *relações* que re-

26 “Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro e Marcio Goldman”. Entrevistadores: Aristóteles Barcelos Neto, Danilo Ramos, Maíra Santi Bühler, Renato Sztutman, Stélio Marras e Valéria Macedo. *Carbono – Natureza, Ciência e Arte*. Disponível em: <<http://revistacarbono.com/artigos/02abaete-rede-de-antropologia-simetrica/>>. Acesso em: 20 fev. 2020. Originalmente publicada em *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

têm, tanto a potência da condição de significado, quanto de significante. Uma representação tem sempre o potencial de inovar sobre algo a que se refere. Nessa direção, Gonçalves e Head (2009, p. 78) socorrem-nos ao esclarecer esse ponto:

Os significados lexicais, gramaticais, contêm uma arbitrariedade, portanto, são sempre tautológicos, podendo ser expressos em fórmulas do tipo: isso é um cachorro porque é um cachorro em oposição a um gato. Para Wagner é assim que construímos um sistema classificatório, sempre buscando significados tautológicos. Entretanto, são os significados não tautológicos os mais interessantes para se pensar o modo de representação e apresentação de um sistema cultural, visto que são produzidos através da inovação dos significados justamente pelos processos de metaforização. Para Wagner, a significação metafórica envolve uma não-arbitrariedade e uma indeterminação da relação entre significante e significado.

Invenção não é apanágio dos cientistas e de mulheres e homens iluminados, portanto não opõe atos criativos dos atos estabelecidos habitualmente, afastando-se da ideia de acidente e novidade, mas também não se presta necessariamente a sinonimizar com inovação em sua acepção instrumental. Nessa direção, tudo seria inventivo no sentido da realização criativa da cultura e qualquer ato tomado por simbólico, desde que passível de produzir alguma comunicação, manifesta-se potencialmente como ato diferenciante.

Toda expressão dotada de significado, e, portanto, toda experiência e todo entendimento é uma espécie de invenção e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido,

isto é, para que possamos referir a outros e ao mundo de significados que compartilhamos com eles (Wagner, 2010, p. 76).

Se *invenção* se refere às ações que estabelecemos no, e com, o mundo, a *convenção* vai definir a perspectiva do ator (Wagner, 2010, p. 95). No contexto ameríndio, o perspectivismo colocado por Viveiros de Castro parece bem próximo disso e o reconhecimento ou a negação, o encontro, a descoberta, em síntese, relação e percepção de novas humanidades, mexe com todos os outros mundos: “vendo-nos como não humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos veem como humanos” (Viveiros de Castro, 2015, p. 44).

Nesse contexto simbólico, a pressuposição de uma humanidade generalizada (acento da condição inata na cultura e não na natureza) não leva à semelhança entre esses seres porque tal humanidade só se efetua de fato na perspectiva de cada ator (individual e coletivo). No contexto ocidental, o que operam são as visões diversas de mundo (a visão do cientista, a visão do religioso, a visão de senso comum etc.) alocadas dentro de um mesmo mundo humano onde tudo que é externo constitui-se como natureza (o inato, ou seja, aquilo que se quer descobrir, domesticar, quantificar, sistematizar). Esse afastamento progressivo e o domínio do que se concebe por natureza (aquilo que passa a ser real, o objeto do controle) produzem o princípio da objetivação convencional que inventa essa cultura.

Convenção, portanto, é definida para Wagner como sendo a distinção interpretativa entre inato e artificial (adquirido) presente em qualquer sociedade (mas também em segmentos e frações sociais quaisquer), sendo que o que muda são os pontos de vista entre o que se convencionaliza como objeto de ação humana. O desenvolvimento do

pensamento sociológico pela legitimação de um objeto próprio não deixou de replicar esse grande passo, assumindo o conceito de sociedade, e a despeito dos “interesses” que a fazem mover pelas formações históricas, como um reino próprio dotada de realidade em si mesmo.

Dentro desse constructo simbólico, “esse mecanismo de extensão do significado é o que Wagner denomina metáfora, alegoria ou, mais usualmente, analogia, e corresponde, também, à “diferenciação” (Goldman, 2011).

Wagner oferece outras imagens do que compreende por metáfora:

O grande erro é imaginar que a metáfora (imagens verbais) é de alguma forma adventícia, uma coisa em si mesma e, portanto, coadjuvante na linguagem. Não é! É linguagem. Não é “sobre” algo chamado “imaginação”, mas antes, a imaginação, seja lá o que for, é sobre isso. O que isso significa, à luz dessa discussão é que o que chamamos de “linguagem” é ferramenta e usuário ao mesmo tempo, mais ou menos como a mão humana, e que a coisa que chamamos de “metáfora” é o reflexo automático de sua reinversão fora de si. Isso significa que a metáfora, em última análise, “nasce da tentativa de livrar-se da metáfora e sobreviver como condição limite de nossa incapacidade de fazer isso” (Wagner, 2001, p. 20). Significa que a metáfora é a base auto-sustentável, recíproca de perspectivas, na medida em que define a transposição final de fins e meios, pois “funciona da maneira que significa e significa como funciona” (Wagner, 2001, p. 34) (Wagner, 2017, p. XVI).

Metáforas são mais do que propriamente representações de algo porque, antes de tudo, agem sobre as coisas, assim como fazem as coisas agirem sobre elas. E,

se ganham essa impressão de fixação tautológica nas classificações é porque, muitas vezes, escondemos o fluxo de suas movimentações.

Foi inspirado nessa perspectiva que a oferta de um balanço bibliográfico sobre outros balanços bibliográficos se colocou como exigência neste texto, ou seja, ativá-los em um fluxo. Menos como “estado da arte”, todo balanço não deixa de ser uma apropriação ou um controle metafórico de contextos convencionais. Bloquear, por fim, a ideia da figura que emerge do fundo, selecionada de maneira que seus elementos (textos, autores, teorias, conceitos) ganhem uma imagem de estabilização decalcada em representações sobre o tema ao qual se debruçou.

Colocar as revisões em movimento, em uma espécie de revisão das revisões, foi uma tentativa de chamar a atenção para os excessos classificatórios que toda revisão pode induzir. Portanto, não se tratou de metarrevisão, mas unicamente, e por que não dizer, alegoricamente, de tomar as revisões como um conjunto de metáforas autorreferenciadas em que este texto (uma revisão das revisões) se destaca tão somente como mais uma imagem ou figura de um tema, o futebol, que também se renova e pode ser inventado pela bibliografia.

Porque metáforas podem ser tomadas também como recursos que inovam sobre si mesmos, fazendo avançar sobre os acontecimentos ditos factuais, um tipo de entendimento que se propaga ou se extenua nas relações. Segui-las, então, pode ser uma boa estratégia de encurtar as narrativas factuais e etnográficas ou compactá-las, não exatamente em “sistemas”, campos ou estruturas, ou posteriormente em balanços bibliográficos que se prestarão às sínteses de relações dispersas em inscritesores dos quais nos valem.

Metáforas são recursivas não somente porque remetem a um significante, mas ao próprio movimento das metáforas que impregnaram ou conferem camadas de significados contextuais (estéticos, políticos) a esse significante. E, confrontando-nos com esse movimento, nada escaparia ao recurso das metáforas, nem os conceitos que acreditamos exprimir o que quer que tomemos ou nomeemos por “realidade” ou estado da arte. Afinal, por que sonegar esse mesmo processo, condição de simbolização ou invenção de culturas, às nossas disciplinas pomposamente denominadas de científicas, se também são, igualmente, máquinas inscritoras de produção de metáforas e analogias?

A relatividade do futebol

Para terminar este longo percurso, volto-me para um caso mais próximo desse tipo de exegese metafórica que associa cultura e futebol, que pode ser lida em muitos lugares, exemplifico-o com Franco Júnior: “Como toda metáfora, uma coisa no lugar de outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado” (Franco Júnior, 2007, p. 166).

Muito antes, e com maior impacto inovador sobre a bibliografia, Da Matta *et al.* (1982) já havia tomado a figura da metáfora como estratégia representacional do futebol:

Talvez agora possamos juntar os episódios que abrem esse texto com a metáfora do jogo como a própria vida [...] Nós choramos vendo o nosso time seguir à risca as regras do jogo, estabelecendo honestamente um novo padrão de excelência, padrão que atualiza claramente um estilo nosso, que em outras esferas da vida não podíamos distinguir com

tanta precisão e facilidade. O futebol, portanto, permite também descobrir a nossa “alma” e o nosso “coração” de modo positivo, como uma coletividade que pode, sabe e faz muito bem as coisas. Somente isso justifica a imensa popularidade deste jogo entre nós (Da Matta *et al.*, 1982, p. 15).

Da Matta esclarece o sentido ou o princípio organizador da metáfora, porém sua análise, como outras, fica retida na estrutura e no conjunto de categorias que definiriam uma cultura, ou seja, suas formas mais convencionais de eliciações metafóricas, dissociando ou subordinando signos e sentidos (algo no lugar de outra coisa), fazendo com que os últimos se tornassem *intangíveis flutuantes* (significantes flutuantes) e efeitos de estruturas permanentes.

Antes, se seguirmos as sugestões de Wagner para contornar alguns fatalismos ou curto-circuitos entre metáfora e vida, não bastaria apenas explicitar ou nomear os sentidos ao categorizá-los, pois “tal abordagem tende a restringir o sentido de nomear as coisas à nomeação dos sentidos, ou seja, a refletir, de forma inadvertida, o convencionalismo e a racionalidade do procedimento acadêmico dentro de seu objeto de estudo” (Wagner, 2017, p. X).

Alternativamente, é preciso observar que a eliciação interpretativa de sentidos, o que Wagner denomina de invenção, pode ser considerada como tendo vida própria e “modelar o uso de convenções culturais para seus próprios fins” (Wagner, 2017, p. X) em uma dialética com a convenção cultural. A metáfora não estaria somente no lugar de outra coisa, na verdade ela pode se assumir como a própria coisa, ou ainda que coisa e metáfora se estranham ou se enranham mutuamente.

E se futebol pode ser tomado como metáfora da “vida”, a “vida” pode ser tomada

como metáfora do futebol, abandonando a presunção de um real exterior, “coisa” metodológica e instância última das determinações simbólicas. E, em uma dialética sem síntese, em que figura e fundo se alternam na produção de sentidos, a metáfora “equivale ao germe de uma disseminada tendência processual. Uma espécie de involução da autorreferência [...]” (Wagner, 2017, p. IX).

Etnografei, alhures, um “encontro” inusitado entre acadêmicos ligados a um simpósio internacional de estudos sobre o futebol²⁷ e militantes políticos mobilizados pela campanha presidencial de 2018. Fortuito, tudo, rapidamente, ocorreu na Praça Charles Miller, em São Paulo, onde se localiza o Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

Temos aqui um exemplo pontual de como metáforas, menos como representações de algo fixo e de fundo, podem se posicionar como figuras no centro de produção ou invenção de controvérsias simbólicas traduzidas em uma economia política da diferença ou em uma diferença de economias políticas. O mote estético se deu em torno de um item caro à memorabilia futebolística, camisas de futebol.

Embora os dois lados potencialmente contendedores não tivessem produzido qualquer sociabilidade, não se pode afirmar que se estava ali diante de um não diálogo a estabelecer apenas uma paisagem morfológica composta por duas formas contrastivas e distanciadas nas expressões de suas identidades ideológicas, estéticas e existenciais. Muito menos fazer a suposição de um exercício fugidivo de algum relativismo cultural em que dois coletivos coloridos apenas se ignoravam ou se entreolhavam a intuir algo a respei-

to de “realidades relativas” consumadas em que, de um lado, acadêmicos encerravam os trabalhos do referido simpósio, sabidamente críticos à plataforma do então candidato que estimulava, do outro lado, aquela reunião política que se adensava em torno de ruidosos militantes.

Historiadores, sociólogos e *antropólogos esportistas* constituíam maioria naquele simpósio e ostentavam muitas camisas, mimetizando seus “objetos” e externando uma moda esportiva que passava por valores diversos. Tais vestimentas não faziam coincidir, necessariamente, com preferências clúbicas pessoais e os usos de camisas outras se colocavam como projeção política em um simpósio em que, justamente, se discutiu a multiplicidade dos futebolis e a crise epistemológica em torno da primazia analítica sobre um determinado futebol, o masculino e de espetáculo.

Camisas de outros selecionados também se faziam presentes, perfeitamente cabíveis em um encontro internacional de estudiosos no qual muitos abertamente explicitavam suas posições políticas de esquerda e ou seu distanciamento ideológico com o que ocorria na praça. A ausência no simpósio ficava por conta da camisa da seleção brasileira. Ninguém, ao menos naquele dia, ousou trazê-la.

Já do lado de fora das dependências do estádio, portanto um pouco mais distante de onde ocorria a sessão final do simpósio, via-se um mar amarelo integralizado por camisas que aludiam à seleção brasileira a exhibir o patriotismo contrainventado que alimentava o que, posteriormente, se definiu como campanha exitosa do então candidato Jair Bolso-

27 Tratou-se do quadrienal Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol em sua terceira edição (1918). A etnografia mais circunstanciada encontra-se em Toledo (2019b).

naro (à época filiado ao Partido Social Liberal – PSL) pleteando a Presidência da República. Usos dessa camisa e suas versões já haviam sido estimulados desde as manifestações conhecidas por “Jornadas de Junho”, em 2013, amplificadas como vestuário entre aqueles que foram favoráveis ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016.

Para muitos ali no simpósio, tratava-se de um sequestro semiótico da camisa da seleção, interpretação que se mantinha na chave do relativismo (e não da relatividade) porque levava em conta, até como um golpe sentido, a associação entre identidade nacional e futebol, deslocada, naquele momento, em função das posições ideológicas em jogo. Ainda que o simpósio tematizasse a multiplicidade de demandas legítimas por outros futebóis, aquele pequeno drama mantinha latente a relação entre o futebol e o Brasil na chave da identidade nacional. Bastariam outros momentos e lutas políticas para novamente repatriar a camisa para o lado de cá.²⁸

Escrevi a respeito que

Do lado externo ao evento, com as ruas mobilizadas de verde e amarelo pelos militantes bolsonaristas erigia-se o grande futebol pátrio como signo de uma mudança política restauradora, uma “história retrospectiva”, como salientou Lévi-Strauss na discussão sobre a morte ou enfraquecimento dos mitos. Curiosa mudança que ao mesmo tempo negava a história e seus fatos, esquentando um futebol idealizado numa bricolagem e fubulação de fatos históricos reivindicando um

país que fora grande, mas que se perdeu pelo caminho, e que agora precisaria retomar sua vocação [...] (Toledo, 2019b, p. 276).

Bolsonaristas reivindicavam a volta da velha camisa da seleção revelada em um *revival* histórico, já os acadêmicos fingiam ignorá-la para, na verdade, demonstrar o tamanho valor que ela, historicamente, já havia representado como símbolo dominante.²⁹ Ambos, por vias adversas, acabavam por glamourizar as mesmas memórias de um Brasil esportivo sintetizado pela camisa do selecionado. Podemos dizer que as metaforizações eram mais que desdobradas sobre si mesmas a permitir um fluxo de dissonâncias cognitivas, inclusive entre os próprios acadêmicos, em relação ao mito original da camisa como síntese de uma cultura.

Essa tridimensionalidade ou holografia de significados em torno da camisa da seleção revelava-se em atos inventivos, em que ambos os ajuntamentos pareciam contrainventar a camisa da seleção do outro, na tentativa de corroer as inovações dos sentidos atribuídos por um ou outro, em uma competição semiótica relacional estendida ao plano da política.

A camisa deveria ser invisibilizada, ao menos momentaneamente, porque virou indumentária de coxinchas e bolsonaristas, tal como propugnavam os acadêmicos esportistas diante das circunstâncias ou, na visão dos bolsonaristas, a camisa seria agora tomada como signo retroativo a reivindicar um Brasil recuperado da *performance* de sucessivos

28 Um artigo do jornalista João Carlos Assumpção, divulgado no *blog* do jornalista Juca Kfour, exorta pela mudança das cores da camisa da seleção por reconhecer que o verde e amarelo “nesse momento não nos representam”. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2020/05/campanha-para-mudar-a-camisa-da-selecao/?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=esporte&utm_content=jkfour>. Acesso em: 18 maio 2020.

29 Turner (2005, p. 58) irá definir símbolo dominante como sendo aquele que agrega significados díspares.

governos de “esquerda” que, estando no poder, a corromperam?

De qualquer modo e à revelia dos sujeitos, a camisa deixava ali de exibir suas qualidades tautológicas de classificação simbólica para se colocar como um devir-camisa no emaranhado das metaforizações. O que precisaria voltar a ser um símbolo pátrio para uns, revelava-se “desnecessário” ou mascarado para outros porque fora apropriado ou sequestrado pelos opositores políticos.

O que mais essas movimentações puderam revelar, para além da busca por um Brasil bolsonarista conservador ou intelectual e progressista, esteve associado à possibilidade de que esse Brasil de representação monotemática talvez tivesse se esgotado em seus movimentos de metaforização e significação, escancarando muitos brasis igualmente diferentes a clamar por novas conceituações.

No cerne de uma disputa política de seguidas metaforizações, a camisa, para uns, seria expressão de uma história que seria restaurada com a eleição, em um movimento retroativo metafórico, tal como se acreditou entre os bolsonaristas; já para os acadêmicos esportistas, a sintomática recusa no uso da camisa da seleção prenunciava, impunha ou contrainventava novas movimentações em torno de futebóis que já há tempos seguem desacomodando o caráter hegemônico do futebol masculino e profissional com ressonâncias importantes sobre o caráter nacional.

Os usos e as ausências da camisa naquele contexto passaram a operar como uma espécie de revisão simbólica em ato das representações reprimidas, porém ainda calçadas na relação tautológica entre futebol e identidade nacional para ambos os coletivos. Aquilo que se teorizava e experienciava no simpósio como sinal de crise representacional de um futebol hegemônico, que não mais cobria os corpos ou vestia as demandas e subjetivida-

des em curso, era posto à prova na relação com os bolsonaristas na praça. Até onde se podia ir com a crítica ao futebol hegemônico masculino acabou mais bem explicitado metaforicamente pela ausência sentida da camisa da seleção entre os intelectuais, que a escondendo também a revelavam.

Tal como tentamos posicionar aqui, o conjunto de revisões bibliográficas sobre o tema futebol, esse exemplo etnográfico novamente coloca a questão da reversão entre figura e fundo. Muitos futebóis parecem dispersar ou borrar a figura de fundo que por muito tempo se manteve ativa na elaboração das alegorias sobre um país e sobre um único futebol de sucesso. O futebol masculino profissional, que figurou como pano de fundo de vários brasis, não ostenta mais sozinho o estado da arte em um cenário esportivo multiplicado por outras demandas.

Se camisas de futebol, correntemente tomadas como signos culturais de uma localidade ou de um país, produzem inovações contextuais, é porque são continuamente metaforizadas. O custo simbólico (porque também afetivo, existencial, noutras palavras, subjetivo) em desfocar essa imagem impressa na camisa síntese da seleção, em que fulgura a representação de algum Brasil de fundo, recarregava as crises epistemológicas e interpretativas suscitadas no simpósio.

Os bolsonaristas, imersos em um discurso essencialista sobre Brasil, serviram aos intelectuais como mecanismo de controle de seus próprios limites, colocando à prova os arcabouços teóricos e metodológicos ao estenderem, metaforicamente, os usos de outras camisas para além da noção de identidade nacional, firmando localismos e novas identidades. A camisa da seleção brasileira em corpos bolsonaristas passou a exprimir posicionamentos ideológicos marcados, identitaristas e a contragosto dos intelec-

tuais. Todavia, identitaristas à sua maneira, bolsonaristas inovaram sobre a camisa mesmo a colocando a serviço de um discurso conservador extravagante. Já os intelectuais, com sua recusa em usar a camisa da seleção brasileira, acusaram o golpe corroborando, a contrapelo, a permanência da ideia de que a camisa, mesmo na atitude sintomática em desvesti-la, persistia como um incômodo símbolo dominante.

Poucas palavras finais

Seguir o movimento ruidoso das metáforas em uma conjuntura simbólica crítica fez perceber neste texto como os balanços bibliográficos podem, para além de guias e estados da arte, revolver camadas mais acomodadas de significações tomadas por conceituações seguras. Na vida, as metáforas já fazem isso à nossa revelia, e o (des) encontro inusitado com os bolsonaristas corroborou esse argumento. Por isso, pode ser proveitoso rerepresentá-las como mais uma via de inspiração metodológica para reavaliar continuamente o modo como encaramos a realidade social em nossas próprias pesquisas.

Balanços bibliográficos, que em princípio enunciam identidades temáticas e disciplinares, são, primeiro, inscritores em um sentido atribuído por Latour, porque essencializam processos tomados como estados da arte, mas também podem se prestar às aproximações analógicas de contextos díspares no sentido wagneriano porque permitem capturar fluxos de transformações a partir das imagens formuladas como metáforas, não importando que estejam manipulando expressões de senso comum (antropologia do óbvio) ou conceituações estabelecidas no discurso sociológico.

Nossos balanços bibliográficos, continentes textuais que cercam a dispersão sobre um determinado tema, devem participar desse mesmo movimento, que, a cada tentativa de restabelecer a coesão bibliográfica, termina por transformar o próprio tema e suas implicações na produção de novos aportes conceituais e metodológicos, continuamente expostos às movimentações inventivas nas e das etnografias. O que fica desta lição é que se faz necessário, não somente apontar para a diversidade dos futebóis, mas também para as diferenças que engendram paradigmas teóricos distintos.

Bibliografia

- ALABARCES, P. Veinte años de ciencias sociales y deporte em América Latina: un balance, una agenda. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 1, n. 58, p. 159-179, 2004.
- ALABARCES, P.; CONDE, M.; DODARO, C. (orgs.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.
- ALABARCES, P. Veinte años de ciencias sociales y deportes, diez años después. **Revista da ALESDE**, v. 1, n. 1, p. 11-22, 2011.
- ALFONSI, D.; CAMPOS, F. Apresentação. In: ALFONSI, D.; CAMPOS, F. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 7-20.
- ALFONSI, D. **Réplicas originais**. Um estudo sobre futebol nos museus. Doutorado (Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

- ANDRADE, A. G. R. **Mídia, futebol e sociedade**: controvérsias públicas midiaticizadas em torno da escolha do Brasil como sede da Copa do mundo FIFA 2014. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- ARAÚJO, R. B. **Os gênius da pelota**: um estudo do futebol como profissão. Mestrado (Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. (orgs.). **Entering the field**: perspectives in world football. Oxford: Berg Publishers, 1997.
- BAETA NEVES, L. F. **O paradoxo do coringa e o jogo do poder & saber**. Rio de Janeiro: Editora Achimaé, 1979.
- BOCCHI, G. M. M. **Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians**: etnografia de um processo de “atualização”. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B. O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço. *In*: CORNELSEN, E. L.; SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. (orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. p. 31-58.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B.; BURLAMARQUI, L. G. (orgs.). **Desvendando o jogo**. Nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF; Faperj, 2014.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B.; REIS, H. B. (orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- BUARQUE DE HOLLANDA, B.; AGUILAR, O. R. (orgs.). **Torcidas organizadas na América Latina**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. (Estudos Contemporâneos).
- BURLAMAQUI, L. G. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950–1974). Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- CALDAS, W. **O Pontapé Inicial**. Memória do Futebol Brasileiro (1893-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMARGO, W. X. A Champions LiGay e a colonização do futebol. **Ludopédio**, v. 113, n. 12, p. 1-6, 2018.
- CAMARGO, W.; PISANI, M.; ROJO, L. (orgs.). **Vinte anos de diálogos**. Os esportes na antropologia brasileira. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2020.
- CHIQUETTO, R. V. **A cidade do futebol**: etnografia sobre a prática futebolística manauara. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, C. E. **Ikindene hekugu**: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- COSTA, C. E.; TOLEDO, L. H. **Visão de jogo**. Antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro NomeFapesp, 2009.
- COSTA, C. E.; TOLEDO, L. H. Cenas e encenações: a antropologia intersticial de Simoni Guedes. *In*: HELAL, R.;

- COSTA; L. M. (orgs.). **A Antropologia de Simoni Guedes**. Rio de Janeiro: LEME, 2020.
- CAMPOS, P. A. F. *et al.* Pesquisas sobre futebol nas ciências humanas e sociais. Um mapa a ser analisado. *In*: CORNELSEN, E. L.; SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. (orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. p. 167-184.
- DA MATTA, R. **O mundo dividido**: a estrutura social dos Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DA MATTA, R.; BAETA NEVES, L. F.; GUEDES, S. L.; VOGEL, A. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Editora Pinakothke, 1982.
- DA MATTA, R. Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17>
- DAMO, A. **Do dom à profissão**. A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.
- DAMO, A. Posfácio. Novas abordagens sobre o esporte em ciências humanas no Brasil. *In*: SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (orgs.). **Entre jogos e copas**. Reflexões de uma década esportiva. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016. p. 325-353.
- DAMO, A. Romantismo e futebol nas ciências humanas brasileiras. *In*: CORNELSEN, E. L.; SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. (orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. p. 9-29.
- DAMO, A. Futebol – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.37-66>
- DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- DIAS, C. Esportes e cidades: balanços e perspectivas. **Revista Tempo**, v. 17, n. 34, p. 33-44, 2013. Dossiê “Uma história do esporte para um país esportivo”. <https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173404>
- ELIAS, N.; DUNNNG, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FABIAN, J. **O tempo e o outro**. Como a Antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- FAVERO, R. P. F. **A várzea é imortal**: abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo 2018.
- FASSHEBER, J. R. M.; ROCHA FERREIRA, M. B. Etno-desporto Kaingang. *In*: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2007, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- FERREIRA, A. L. P. **O estado da arte da sociologia do esporte no Brasil**: um mapeamento da produção bibliográfica de 1997–2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- FLORENZANO, J. P. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.
- FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**. Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ; Fapesp, 2009.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- FRANCO JÚNIOR, H. WISNIK, J. M.: Veneno remédio. O futebol e o Brasil. **Revista de História**, n. 163, p. 369-389, jul./dez. 2010. Ensaio Bibliográfico.
- FREITAG, L. C.; FASSHEBER, J. R. Um estranho no ninho? O futebol nas identidades indígenas. *In*: CAMARGO, V. T. C.; FERREIRA, M. B. F.; VON SIMSON, O. R. M. (orgs.). **Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009)**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2011. p. 127-139.
- GASTALDO, É. L. **Pátria, chuterias e propaganda**. O brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Leopoldo: Editora Unisinos; Annablume, 2002.
- GASTALDO, É. L. Estudos sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. **Logos**, v. 17, n. 2, p. 7-15, 2010. <https://doi.org/10.12957/logos.2010.853>
- GASTALDO, É. L. Esporte, antropologia e comunicação no Brasil: explorando encruzilhadas de um campo indisciplinar. *In*: CAMARGO, W.; PISANI, M.; ROJO, L. (orgs.). **Vinte anos de diálogos**. Os esportes na antropologia brasileira. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2020.
- GEIGER, A.; VELHO, O. A liminaridade antropofágica de Roberto Da Matta ou Tupi or not Tupi? A virtude está no meio. *In*: GOMES, L. G.; BARBOSA, L.; DRUMMOND, J. A. (orgs.). **O Brasil não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis 20 anos depois**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil (1990–2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-322, 2010. Dossiê “História e Futebol”.
- GIGLIO, S. COIX FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. Tese (Doutorado) — Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013. Dossiê “Uma história do esporte para um país esportivo”. <https://doi.org/10.5533/tem-1980-542x-2013173405>
- GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. Ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, 2018, p. 31-38, 2018. Dossiê “Copas do Mundo”. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i117p31-38>. [Publicado anteriormente em Francisco Pinheiro e Victor Andrade Melo, **A bola ao ritmo de fado e samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2013].
- GODIO, M.; ULIANA, S. **Fútbol y sociedad: prácticas locales e imaginarios globales**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011.
- GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. (orgs.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v. 10, n. 1, p. 161-171, maio 2006.
- GOLDMAN, M.; VIVEIROS DE CASTRO. Abaeté, Rede de Antropologia Simétrica Entrevista com Márcio Goldman e Eduardo Viveiros de Castro. Entrevistadores: Barcelos Neto *et al.* **Cadernos de Campo**, n. 14/15, p. 1-382, 2006.
- GOLDMAN, M. O fim da antropologia. **Novos estudos – CEBRAP**, n. 89, p. 195-211, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012>
- GORDON JUNIOR, C. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo. **Pesquisa de Campo**, n. 2, p. 71-90, 1995.

- GUEDES, S. L. **O futebol brasileiro**: instituição zero. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- GUEDES, S. L. Apresentação. **Antropolítica**, n. 14, p. 11-16, 2003. Dossiê “Esporte e Modernidade”.
- GUEDES, S. L. Esporte, lazer e sociabilidade. In: DUARTE, L. F. D.; MARTINS, C. B. **Horizontes das ciências sociais no Brasil**: antropologia. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.
- GUEDES, S. L. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Antropolítica**, n. 31, p. 31-43, 2011.
- GUEDES, S.; TOLEDO, L. H. Antropologia do esporte: traçados interdisciplinares através das trajetórias. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 24., 2004, Recife. **Anais [...]**. Recife: RBA, 12 a 15 jun. 2004. Mimeografado.
- GUEDES, S.; SILVA, E. M. A. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cadernos de Aletheia**, n. 3, p. 73-89, mar. 2019.
- HERZFELD, M. **Antropologia**. Prática teórica na cultura e na sociedade. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- HIRATA, D. V. **O futebol varzeano**: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. Analogic anthropology: wagner’s inventions and obviations. In: HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. **The ontological turn**: an anthropological exposition. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. IX-XIX.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**. A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- LEITE LOPES, J. S. A vitória do futebol que incorporou a pelada. A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 64-83, 1994. Dossiê “Futebol”. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p64-83>
- MACHADO, G. M. C. **A cidade dos picos**: a prática do *skate* e os desafios da cidadania. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MAGNANI, J. G. C. MORGADO, N. Futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 175-184, 1996.
- MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M. **Jovens na metrópole**. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- MAIA, R. C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? **Geraes – Revista de Comunicação Social**, n. 53, p. 4-15, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Rousiley_Maia/publication/317051024_Sociabilidade_apenas_um_conceito/links/5923241caca27295a8a7e774/Sociabilidade- apenas-um-conceito.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- MELO, V. A. **Cidade esportiva**: primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2001.
- MELO, V. A.; GENOVEZ, P. F. **Bibliografia brasileira de história da educação física e do esporte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Gama Filho, 1998. v. 1.

- MEIHY, J. C. S.; WITTER, J. S. (orgs). **Futebol e Cultura**. Coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- MICELI, S. A força política que vem das arquibancadas. **Isto É**, n. 38, p. 48-50, 14 set. 1977a.
- MICELI, S. Corinthians, e o pão?. **Isto É**, n. 42, p. 12-16, 12 out. 1977b.
- MICELI, S. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. **Revista de Administração de Empresas**, v. 18, n. 2, p. 43-46, 1978. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901978000200007>
- MORAIS, J. V.; RATTON, J. L.; BARRETO, T. V. Futebol, cultura e sociedade. Contribuições para uma socio-antropologia da bola. **Estudos de Sociologia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 2, n. 14, p. 11-16, 2008.
- MOURA, G. A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.
- MURAD, M. **Sociologia e educação física**: diálogos, linguagens do corpo, esportes. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2009.
- MURAD, M. Para uma sociologia da sociologia do futebol no Brasil: memória. *In*: CORNELSEN, E. L.; SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. (orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. p. 151-165.
- PALMIERI, J. C. J. **Quanto vale um talento?** Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- PEREIRA, L. A. M. **Football Mania**: história social do futebol carioca (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, n. 61, p. 139-155, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452004000100008>
- PIRES, B. G. **A gestão da integridade**. Corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- PISANI, M. S. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- RIAL, C. S. M. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 30, p. 21-65, dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>
- RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.
- SANTOS, M. A. S. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade**. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SANTOS, J. M. C. M. **Revolução vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915–1934). Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**. O Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- SILVA, A. P. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discurso sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2008.
- SILVA, D. M. M. **Futebol de várzea em São Paulo**. A Associação Atlética Anhanguera (1928–1940). São Paulo: Alameda; Fapesp, 2016.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.
- SOARES, E. **A bola no ar**. O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.
- SOARES, A. J. G. **Mário Filho**: a “inesgotável fonte” da repetida história do futebol brasileiro e seus crentes bebedores. In: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 5., 1997, Maceió. Anais [...]. Maceió: CHELEF, 1997.
- SOUZA, D. A. **Pra frente, Brasil!** Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950–1983). São Paulo: Intermeios, 2018.
- SOUZA, J. O “**esporte das multidões**” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. Tese (Doutorado em Educação Física) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. As linhagens da sociologia do futebol brasileiro – um programa de análise. **Movimento – Revista e Educação Física da UFRGS**, v. 23, n. 1, p. 101-118, 2017. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.55428>
- SOUZA, J. A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro. **Lua Nova**, n. 103, p. 103-134, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-103134/103>
- SPAGGIARI, E. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. Apresentação. Por uma (nova) agenda de pesquisa sobre práticas esportivas. In: SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (orgs.). **Entre jogos e copas**. Reflexões de uma década esportiva. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016. p. 9-31.
- SPÖRL, M. C. C. (org.). **Soccer in Brazil**. Sport in the global society. contemporary perspectives. Abigton: Routledge, 2014.
- STRATHERN, M. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- STREAPCO, J. P. F. **Cego é aquele que só vê a bola**. O futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo. São Paulo: Edusp, 2016.
- TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982–2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 52, p. 133-165, 2001.
- TOLEDO, L. H. **Remexer anotações**: o trabalho de um arguidor antropólogo. São Carlos: EdUFScar, 2019a. (Coleção Aracy Lopes da Silva).
- TOLEDO, L. H. Mortes esportivas e alegorias políticas: etnografando temores em torno dos esportes-nação. **Anuário Antropológico**, v. 44, n. 1, p. 253-284, 2019b. <https://doi.org/10.4000/aa.3519>
- TOLEDO, L. H. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença. **Horizontes Antropológicos**, ano 26, n. 56, p. 255-291, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832020000100011>

- TOLEDO, L. H.; CAMARGO, W. X. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **Revista FULIA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 93-107, 2018. <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.93-107>
- THOMAZ, D. W. **Medalha e continência**: uma etnografia de atletas militares no esporte de representação nacional. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- TURNER, V. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005.
- VIANNA, F. **Boleiros do cerrado**: índios Xavantes e o futebol. São Paulo: Annablume Editora; Fapesp; ISA, 2008.
- VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WAGNER, R. **The logic of invention**. Chicago: Hau Books, 2017.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. A antropologia perspectiva e o método da equivocação controlada. **ACENO – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 5, n. 10, p. 247-264, 2018.
- ZUCAL, J. G. (comp.). **Violencia en el fútbol**. Investigaciones sociales y fracasos políticos. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2013.

Resumo

Balances bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira

O fluxo de pesquisas sobre futebol oferecido pelas ciências sociais procurou acompanhar a multiplicidade de demandas que tensionam a centralidade com a qual o futebol profissional masculino ocupa, há décadas, nessas áreas do conhecimento, seja como um “símbolo nacional” ou como objeto de referência em estudos esportivos. Este texto trata de parte dessa bibliografia, destacando o lugar que os balanços bibliográficos ocupam como descritores científicos nesse renovado fluxo de pesquisas. Destaco também o potencial que a perspectiva etnográfica pode oferecer como contribuição teórica e metodológica para áreas afins.

Palavras-chave: Antropologia das práticas esportivas; Etnografia; Teoria antropológica; Futebol; Jogo; Esportes.

Abstract

Bibliographic review and random cycles: the case of soccer in Brazilian anthropological literature

The flow of research on soccer offered by the social sciences has sought to accompany the multiplicity of demands that tension the centrality with which professional male soccer has occupied for decades in these areas of knowledge, either as a “national symbol” or as a reference object in sports studies. This text deals with part of this bibliography, highlighting the place that bibliographic review about soccer occupy as scientific descriptors in this renewed flow of research. I also highlight the potential that the ethnographic perspective can offer as a theoretical and methodological contribution to sports studies.

Keywords: Anthropology of sports practices; Ethnography; Anthropological theory; Soccer; Games; Sports.

Resumé

Étude bibliographique et cycles aléatoires: le cas du football dans l'anthropologie brésilienne

Le flux de recherche sur le football offert par les sciences sociales a cherché à accompagner la multiplicité des demandes qui tendent la centralité avec laquelle le football professionnel masculin a occupé pendant des décennies de connaissances dans ces domaines, soit comme un “symbole national”, soit comme objet de référence dans les études sportives. Ce texte traite d'une partie de cette bibliographie, mettant en évidence la place qu'occupent les études bibliographies en tant que descripteurs scientifiques dans ce flux de recherche renouvelé. On souligne également le potentiel que la perspective ethnographique peut offrir en tant que contribution théorique et méthodologique à des domaines connexes.

Mots-clés : Anthropologie des pratiques sportives; Ethnographie; Théorie anthropologique; Football; Jeux; Sports.

